

Boletim de Ocorrência



Por
Celito De Grandi

051 Final

A morte e a

A série sobre casos que marcaram o RS na esfera policial se encerra neste domingo com o mistério envolvendo o assassinato de uma jovem na Porto Alegre dos anos 1940



REPRODUÇÕES



Suspeito de matar a namorada, Heinz Werner João Schmeling (acima) integrava os Mickeys, grupo de motoqueiros que fazia sucesso no Moinhos de Vento

O crime

Vítima:
Maria Luiza Häeussler

Época do crime:
agosto de 1940

Cidade:
Porto Alegre

Principal suspeito:
Heinz Werner João Schmeling

Motivação:
passional



Maria Luiza Häeussler

O crime que abalou a sociedade porto-alegrense e alimentou histórias no Litoral Norte virou manchete nos jornais da época



Lendas e mitos fascinam os homens.

Um crime que traumatizou Porto Alegre, no início da década de 40 do século passado, tornou-se lendário. Literalmente.

Caminhoneiros que viajam às margens da Lagoa dos Barros garantem já ter enxergado a figura de uma jovem envolta em véus brancos. Surge diáfana e logo depois desaparece. Fica no ar a imagem fluída de uma linda mulher.

Nas margens da lagoa, entre Santo Antonio da Patrulha e Osório, foi encontrado o corpo de Maria Luiza Häeussler, a Lisinka, 17 anos, na madrugada de 21 de agosto de 1940, três dias depois de assassinada.

Ficou conhecido como o “crime da Lagoa dos Barros” ou a “lenda da noiva da Lagoa”.



Maria Luiza era namorada de Heinz Werner João Schmeling, 19 anos. Ele integrava os Mickeys, um grupo de motoqueiros que fazia sucesso pelas ruas do bairro Moinhos de Vento, com suas potentes motos alemãs.

Erika, a mãe da moça, não aprovava o namoro. E no início daquele mês de agosto, Maria Luiza escreveu uma carta para Heinz propondo o rompimento da relação que, para muitos, à época, era considerada bastante íntima.

Ela estaria interessada em outro moço.

Na noite do dia 17 de agosto, quando foi ao baile de gala de escolha da Rainha dos Estudantes, na Sociedade Germânia, Lisinka dançou com várias rapazes e, a um deles, confidenciou que estava por encerrar o namoro.

Heinz então chegou ao baile e, depois de beber alguns uísques, convidou Maria Luiza para conversar.

Não causou surpresa que tenham saído juntos, de madrugada. Isso já havia acontecido muitas vezes. Surpreendente foi o dia seguinte, quando nenhum deles apareceu em suas casas.



Na noite de domingo, preso num botiquim do bairro Belém Velho, por porte ilegal do revólver que lhe presenteara o padrasto, Heinz, com um ferimento de bala no peito, foi levado ao Hospital Alemão.

Depois de receber socorro, lá mesmo foi ouvido pela polícia, na segunda-feira. E contou uma história estranha: ele e Lisinka estavam no Ford V-8 da sua família e iam em direção a Tramandaí. Ele quis

manter relações sexuais, a moça resistiu, ele a tomou à força e, depois disso, Maria Luiza apanhou o revólver que estava no carro, disparou contra ele e fugiu.

No dia seguinte, mudou a versão: após atirar contra ele, Lisinka suicidou-se. Com medo, ele escondeu o corpo da moça na Lagoa, onde só foi encontrado na madrugada do dia 21.



A segunda hipótese foi descartada pela polícia, com base em análises técnicas, graças a um “modelar laboratório” recém instalado no Instituto de Identificação.

Os investigadores chegaram a quatro conclusões:

I - Maria Luiza não se suicidou.

II - Ela foi estuprada e assassinada em Porto Alegre, no morro Mont’Serrat.

III - Heinz Werner João Schmeling foi o autor.

IV - Heinz feriu-se a si próprio”.

Depois do assassinato, Heinz teria transportado o corpo, no Ford V-8, até a Lagoa dos Barros. Amarrou-lhe tijolos, antes de jogá-lo na água. Até hoje, no entanto, há estudiosos que discordam dessas conclusões, muito com base na defesa brilhante de Waldyr Borges, um dos advogados de Heinz.

No texto de 40 páginas, ele reage ao trabalho do perito e refuta, uma a uma, as razões que levaram à condenação de Heinz Schmeling a 12 anos e seis meses de detenção pelo Tribunal do Júri.

E defende a sua versão, apoiada “em elementos científicos incontestes”: Maria Luiza atirou em Schmeling e, ao voltar a arma contra si, Heinz procurou detê-la, ocasião em que o revólver disparou, pela segunda vez, atingindo Lisinka no coração.

Heinz cumpriu metade da pena e foi libertado em 1946. As poucas notícias dele dizem que se transferiu para o Rio de Janeiro, onde teria falecido anos depois.



Outra lenda diz que há um redemoinho no meio da Lagoa dos Barros que faz tudo desaparecer – peixes, barcos, homens.

Nas proximidades daquele lugar onde o corpo de Lisinka foi encontrado, ninguém pesca.

Uma das versões garante que o verdadeiro assassino de Maria Luiza nunca foi punido e por isso ela continua a vagar pela lagoa. Para sempre.

Lenda

Um painel do crime

Foi um belo desafio.

Em novembro de 2011, numa tarde de calor ameno, reuni-me com integrantes do comando da redação de Zero Hora para modelar a ideia alimentada naqueles últimos meses. O desafio era a publicação de uma série de textos, ao longo de 2012, para resgatar episódios que, de uma ou outra forma, tivessem mobilizado a opinião pública, a polícia e o Judiciário do Rio Grande.

Confesso ter emergido num mundo que não conhecia na intimidade: os arquivos da Polícia e do Judiciário, onde dormem os registros e testemunhos de tantos dramas pessoais e coletivos. Alguns, pouco conhecidos, porque circunscritos a pequenas comunidades, outros quase esquecidos pelo passar do tempo e alguns que comoveram o Estado em diferentes momentos da história.

Mesclamos episódios antigos com casos mais recentes. Evitamos a brutalidade de crimes contra crianças e procuramos amenizar os quadros dramáticos vividos, em alguns enredos, por famílias inteiras.

Surpreendi-me, já nas primeiras semanas, pelo interesse dos leitores. E eles foram essenciais, contribuindo com valiosas sugestões de casos. Nem todos, por variadas razões, puderam ser publicados. Muitos opinaram, além de sugerir. O aposentado Everton Cabral se Souza escreveu para protestar, depois de dizer que lê todos os B.Os: "O de nº 007 (de 19/02) revoltou-me ao ponto de tentar entender como o Brasil convive com um Código Penal tão brando. O assassino confesso vive em prisão domiciliar, passados apenas 13 anos depois de condenado a 38 anos de reclusão".

Não tenho boas notícias para o sr. Everton. O criminalista Amadeu Weinmann assegura que o novo Código Penal em exame no Congresso vai agravar ainda mais o problema. E explica:

– As ciências penais brasileiras faliram no combate à criminalidade, hoje comandada de dentro dos presídios.

Na visão do delegado Cleber Ferreira, diretor da Delegacia Regional de Polícia, abrangendo 27 distritos policiais, o problema do país são "os instrumentos legais que permitem a hábeis advogados evitar que delinquentes permaneçam presos". Ele é favorável a uma política de "tolerância zero", tal qual foi implantada pelo prefeito Rudolph Giuliani, em Nova York, na década de 90, mas condiciona:

– Com polícia preparada e bem instrumentada pelos governos e com a chancela de seus atos pelo Poder Judiciário.

Fulgencio Blaya Perez Neto fala como psiquiatra e cidadão. Concorda "com a atitude corajosa

do prefeito Giuliani, que reduziu drasticamente a criminalidade", mas faz uma advertência:

– A tolerância zero é a reação extrema a uma sociedade sem limites. É uma solução tentadora, pois implica dar um basta ao "vale tudo". O risco, porém, é criar um estado autoritário, que não discrimina o que pode ser tolerado ou não. E conhecemos os distúrbios psicopatológicos que tais comportamentos extremamente rígidos podem gerar.

– O sentimento da população é de raiva imponente – diagnostica Fulgencio.

E complementa:
– A melhor maneira de desestimular o aparecimento de novos criminosos é uma polícia e uma Justiça eficientes, em que o indivíduo saiba com toda a certeza que vai pagar pelos erros que cometer.

“ O conjunto de Boletins de Ocorrência traçou um painel semiacabado da evolução da criminalidade e da crônica policial no Estado.

Sobre essa inconformidade da população, o delegado Cleber também diz que "é preciso fazer valer as leis penais, mantendo os delinquentes presos, restringindo benefícios com um processo mais bem apurado para progressão de regime, saídas temporárias com análise individual, e não apenas por critérios objetivos, sem percutir a periculosidade do agente".

O conjunto de Boletins de Ocorrência traçou um painel semiacabado da evolução da criminalidade e da crônica policial no Estado, ao longo de pouco mais de um século.

E é certo que algumas histórias chocaram os leitores. Um amigo, depois de ler o B.O. 045, "A vingança do coronel", mandou-me um recado:

– Quando concluíres a série, podes escrever um livro daquele gênero "Do que o ser humano é capaz".

No ano do centenário de Nelson Rodrigues, os B.Os. remeteram outra leitora ao cronista carioca. E ela tem razão, num aspecto: apenas registramos "A vida como ela é..."

Celito De Grandi



A relação entre o jovem de 19 anos e a adolescente de 17 e o que ocorreu entre eles durante o baile na Sociedade Germânia que antecedeu o crime geraram especulações. Ao lado, as roupas dos dois apreendidas pela polícia, com rasgões e manchas de sangue



ZEROHORA.COM
Releia as 50 histórias que se destacaram na crônica policial do Rio Grande do Sul apresentadas na série Boletim de Ocorrência.